vinetur

Arqueólogos descobrem ao largo da Sicília um navio romano naufragado com até 1.500 ânforas de vinho intactas

A carga, excecionalmente bem preservada, poderá esclarecer como o vinho romano chegava ao Norte de África há mais de 2.000 anos

segunda-feira, 9 de novembro de 2026



Um navio romano naufragado que transportava uma grande carga de ânforas de vinho foi descoberto ao largo do sudoeste da Sicília. Segundo os arqueólogos, a descoberta poderá aprofundar o conhecimento sobre o comércio mediterrânico no final da República Romana e proporcionar um raro vislumbre da forma como o vinho era

acondicionado e transportado há mais de 2.000 anos.

As autoridades sicilianas anunciaram a descoberta em agosto, após uma investigação inicial do local, situado perto de Mazara del Vallo, uma vila piscatória na costa sudoeste da ilha. O naufrágio encontra-se a cerca de 3 milhas da costa, a uma profundidade aproximada de 150 pés. Os arqueólogos afirmam que a carga inclui pelo menos 500 ânforas de terracota e, possivelmente, 1.500 ou mais, muitas ainda intactas e empilhadas no lugar.

O local foi descoberto por acaso em junho por Giacomo De Mola e Igor Bisulli, dois experientes praticantes de pesca submarina que sondavam o fundo do mar antes de uma competição. De Mola afirmou que o sonar tinha detetado uma estrutura invulgarmente grande a cerca de 3 a 4 milhas de Mazara del Vallo, diferente das formações rochosas que a dupla procurava.

De Mola, antigo campeão de apneia, desceu ao fundo do mar com máscara e câmara e encontrou aquilo que descreveu como um campo de ânforas com cerca de 70 pés de comprimento e 20 pés de largura, que se elevava aproximadamente 8 pés acima da areia. Mais tarde, transmitiu a informação a contactos ligados a mergulhadores técnicos e a responsáveis sicilianos, o que levou a uma intervenção arqueológica formal.

Os investigadores afirmam que o naufrágio é importante não por ser a maior embarcação romana alguma vez encontrada no Mediterrâneo, mas pelas suas dimensões em comparação com outras descobertas em redor da Sicília e pelo estado de conservação invulgar. Roberto La Rocca, arqueólogo marítimo do departamento do património cultural da Sicília e da Superintendência do Mar, afirmou que se trata de um dos maiores naufrágios alguma vez encontrados em águas sicilianas, em termos de dimensões.

O casco de madeira do navio já se decompôs há muito, embora os arqueólogos acreditem que possam ainda existir vestígios enterrados sob o fundo do mar. A carga, porém, parece ter sobrevivido em condições excecionais. La Rocca afirmou que a disposição das ânforas sugere que o local não foi saqueado, algo invulgar num naufrágio antigo em águas relativamente pouco profundas e tão perto da costa.

Este aspeto é importante porque os saques danificaram muitos sítios arqueológicos subaquáticos em redor da Sicília. Fabio Portella, explorador subaquático independente que realizou o primeiro levantamento tridimensional do naufrágio em julho, afirmou que os caçadores de relíquias determinados há muito conseguem chegar a profundidades superiores aos limites habituais do mergulho recreativo. Referiu que mergulhadores sicilianos já recuperavam artefactos em locais profundos na década de 1960.

As ânforas antigas eram alvos valiosos por serem fáceis de transportar e terem forte procura no mercado. Estes recipientes de barro continham frequentemente quase seis galões de vinho e podiam pesar cerca de 50 libras mesmo vazios. Os arqueólogos afirmam que um naufrágio podia ser saqueado ao longo do tempo, uma ou duas ânforas de cada vez, e que as redes de pesca também provocavam frequentemente mais estragos, partindo os recipientes e dispersando artefactos pelo fundo do mar.

Os investigadores acreditam que vários fatores poderão ter protegido o local de Mazara del Vallo. Portella afirmou que o naufrágio está rodeado por rochas que provavelmente o protegeram das redes de arrasto pelo fundo. No sonar, a formação também poderá ter parecido uma grande rocha, em vez de um local com carga digno de investigação. Acrescentou que a zona tem uma forte tradição piscatória, mas uma cultura de mergulho menos enraizada do que em lugares como Siracusa, Catânia e Palermo, em parte porque a água é muitas vezes turva e a visibilidade é reduzida.

Os arqueólogos também pensam que a forma como o navio se afundou contribuiu para a sua preservação. La Rocca afirmou que a embarcação provavelmente se afundou rapidamente durante uma tempestade, antes de a tripulação conseguir lançar todas as âncoras. Os vestígios de duas âncoras de chumbo continuam associados ao naufrágio. Um afundamento rápido poderá ter permitido que o navio descesse na vertical, ajudando a manter a carga organizada em pilhas, em vez de a dispersar pelo fundo do mar.

O naufrágio poderá também ter maior relevância histórica. Justin Leidwanger, arqueólogo da Universidade de Stanford, afirmou que a maioria das ânforas parece ser do tipo Dressel 1A, uma forma comum nos séculos II e I a.C. Estas ânforas são

frequentemente encontradas em naufrágios perto de Espanha, França e grande parte da Itália continental, mas a sua presença ao largo do sudoeste da Sicília levanta questões sobre a rota e o destino do navio.

Devido à localização do naufrágio, os arqueólogos pensam que o navio poderá estar a caminho do Norte de África. Se a idade estimada da embarcação for confirmada, afirmou Leidwanger, isso poderá indicar que as exportações romanas de vinho para o Norte de África se expandiram mais cedo do que muitos estudiosos pensavam. Essa hipótese seria compatível com um período em que as redes comerciais romanas cresciam rapidamente e os proprietários aristocráticos de terras em Itália investiam cada vez mais na agricultura e no comércio.

Leidwanger afirmou que a carga provavelmente provinha da Itália central, mas os investigadores não consideram essa hipótese confirmada. A disposição das ânforas poderá ajudar a determinar se a remessa era proveniente de uma única grande propriedade ou se reunia produtos de vários produtores para transporte. Eventuais selos ou inscrições ainda visíveis nos recipientes poderiam fornecer provas mais precisas, embora os arqueólogos afirmem que essas descobertas são raras.

Existe também a possibilidade, ainda que pequena, de resíduos ou marcas apontarem para uma origem diferente. Franca Cibecchini, arqueóloga marítima do Ministério da Cultura de França, responsável pela arqueologia subaquática na Córsega, afirmou que provas de que o vinho era produzido na Sicília seriam um avanço importante, uma vez que os estudiosos sabem relativamente pouco sobre a produção vinícola siciliana naquele período.

O conteúdo desapareceu ou degradou-se, mas os especialistas afirmam que os recipientes ainda podem revelar muito sobre o vinho antigo. Lorenzo Lepri, arqueólogo da Fundação Lungarotti, na Úmbria, afirmou que o vinho romano era normalmente produzido com uvas muito maduras e era muitas vezes demasiado denso ou forte para ser bebido diretamente da ânfora. Os romanos diluíam-no frequentemente com água e podiam aromatizá-lo com fruta, especiarias ou mel. O interior das ânforas era normalmente revestido com resina de pinheiro, que também influenciava o sabor.

As autoridades planeiam recuperar e estudar um número limitado de ânforas, incluindo os resíduos que ainda possam estar retidos no interior de alguns recipientes. No entanto, não pretendem retirar todo o naufrágio. Em vez disso, espera-se que o local permaneça praticamente intacto após a investigação, tanto para preservar o seu contexto arqueológico como para permitir eventuais mergulhos supervisionados por operadores autorizados.

Esta abordagem reflete uma política mais ampla seguida em algumas zonas do Mediterrâneo, onde as autoridades afirmam ser impossível remover fisicamente e armazenar todos os sítios subaquáticos. La Rocca afirmou que divulgar descobertas importantes e transformá-las em atrações culturais controladas pode reforçar a proteção, ao dar às comunidades locais uma razão económica para valorizarem a preservação em detrimento do salvamento ilegal.

Por enquanto, os arqueólogos prosseguem os levantamentos e a análise do naufrágio de Mazara del Vallo, que, segundo afirmam, poderá constituir um dos exemplos sicilianos mais nítidos de uma carga de vinho antiga ainda disposta de forma muito semelhante àquela em que se encontrava quando o navio se afundou.